



Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á redacção do «Cabrião» no escriptorio da rua da Imperatriz n. 20, onde assigna-se e vende-se este jornal. O escriptorio está aberto aos Domingos, 2.^{as} e 5.^{as} feiras.

ANNO I.
N. 45
Publica-se aos domingos.

PARA A CAPITAL.	PARA A PROVINCIA
Trimestre . . . 5\$000	Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000	Semestre . . . 11\$000
Anno . . . 17\$000	Anno . . . 19\$000

Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.



—Que é isso, Pipelet? . . . de opa! Meu maganão, se me viras em carola ponho-te em continente na rua . . .

—Carola eu? não senhor, meu amo; puz ás costas esta cangalha de jesuita, por especulação, para ver a cousa de perto. Não faz idéa: isto serve para tirar o dinheiro ao proximo sem difficuldade e trabalho; é uma pipineira para os vadios e vagabundos; um meio facil de penetrar a gente em casa de familias, dar uma beijoca na namorada ou ao menos escorregar-lhe um bilhetinho doce em fórmula de nó de gravata. E tudo isto acompanhado de musica, e pagando ainda os papaes e mamães a contribuição.

—De maneira que fazem do divino pão de cabelleira! . . . e ainda ha de ser muito bom quando não vier alguma cousa, por obra do Espirito Santo! . . .“

—Stop! snr. Cabrião, não comece com as suas! . . .

CABRIÃO

SÃO PAULO 18 DE AGOSTO DE 1867.

O Jezuitismo vai mais e mais alçando a cabeça.

Venenoza parázita plantada no paiz pelo governo, que assim traiçoeiramente quer atrophiar a grande arvore da autonomia nacional, vai alastrando galhos a olhos vistos.

N'esta relação é mui digno de nota o que ha de ouzadia e desfaçamento no modo por que desenvolve-se a «ninhada» dos padres estrangeiros estabelecidos em Itú.

A «Esperança,» jornal jezuitico ali publicado, traz em seu numero de 4 do corrente uma das muitas provas do que levamos dito.

E' a confissão «sophismada,» mas em todo cazo confissão, dos abuzos grosseiramente supersticiosos que forão denunciados em nm dos proximos passados numeros do «Cabrião,» relativos á pratica de levaremos beatos e beatas ao altardo famozo (e angelico) S. Luiz Gonzaga cartas fechadas, em que vão requerimentos dirigidos ás poteatades do céo, para serem depois queimadas solemnemente pelos expertalhões dos jezuitas, indo ao céo o pedido com a fumaça das ditas cartas queimadas!!!

A fumaça transpondo a atmospherá e subindo ao céo!... que pilula gorda!...

Mas como diziamos, a «Esperança,» na impossibilidade de negar a «comedia» que se ha praticado em Itú, quer justificá-la, e no tolo empenho principia:

«Posto que o correspondente do «Cabrião» seja homem de consciencia «limpa de redicula superstição,» e por conseguinte sinceramente catholico, para respondermos a alludida sua carta, antes de tudo pedimos permissão de fazermos a elle, e outros que pensarem com elle, uma questão.»

«Rogamos nos digão: se um homem sinceramente catholico pode em consciencia julgar e chamar «ridicula superstição» uma devoção que foi praticada por santos canonisados da Igreja; que em Roma, mestra da religião, se está praticando, ha tantos annos, debaixo dos olhos e com aprovação do Summo Pontifice,

que em outras cidades da Europa é até solemnizada tomando nella parte os mesmos Bispos diocesanos.»

O «Cabrião» responde affirmativamente: é ridicula e grosseira superstição, embora praticada em Roma e pelos mais famozos papões do ultramentanismo europeu.

Roma não é mestra de religião. O jezuitismo e as artimanhas do simonismo papal fizerão-na mestra de superstições ainda mais grosseiras que as da comedia das cartas queimadas.

Roma, capital da christandade, é tambem capital do ultramontanismo e jezuitismo. E' a fonte de onde dimanam todos os crimes, todas as ridicularias, todas as practicas de fetichismo com que andam, de seculos a esta parte, a fazer da religião christã uma couza muito e muito semelhante ao polytheismo pagão.

O argumento philosophico e capital em que funda a «Esperança» a razão de ser—das cartas queimadas e subida da fumaça para o céo—é tambem digna de transcripção.

Ella ahi vai no seguinte trecho. Limitamo-nos a transcrever; não oppomos se quer uma palavra de commentario a tão «rutilante» asneira.

«Esta é a fidelissima exposição do que na luz da civilisação europea se pratica na devoção das supplicas a S. Luiz Gonzaga: isso se fez no Collegio de S. Luiz desta cidade, e nada mais que isso; pois o demais é pura mentira e calumnia, como dissemos, do correspondente do «Cabrião.» Ora onde está aqui a redicula superstição que escandalisou aquelle «homem de consciencia limpa?»

«Talvez nas supplicas feitas por escripto? mas não é necessario a luz da fé, basta a da razão para entender como dissemos, que esse facto não exprime senão uma rogativa feita em modo mais solenne.

«Assim como a palavra do pensamento fica mais certa e determinada, quando se exprime com a palavra da boca, assim tambem mais se acerta e determina a palavra da boca, quando é exprimida pela palavra do escripto. Por isso não é superstição exprimir com os labios uma graça que se quer com o coração, se conclue que não é tambem superstição exprimi-la por escripto.»

Gazetilha.

COBRANÇA.—Vae proceder-se a cobrança do quarto trimestre do "Cabrião". Não podemos continuar á admittir sophismas; quem deve pague.

O "Cabrião" não esmola assignaturas, é para quem o procura.

Isto vae com vista, não aos bons assignantes, mas á alguns finorios que sempre achião um pretexto para se esquivar ao pagamento da assignatura.

AVISO IMPORTANTE.—O «Cabrião» está prestes á completar o seu primeiro anno de existencia.—Para viver até aqui, tem elle arrostado com cara alegre toda a sorte de sacrificios E' preciso pois que o publico comprehenda a sua importancia, e que (digamos sem modestia) o «Cabrião» é um elemento de vida e de civilisação para a capital de S. Paulo, tão amesquinhada e tão ludibriada na córte do Imperio, onde se olha para as Provincias como para uma porção de aldeas situadas á grande distancia.

O «Cabrião» vingando os brios da Provincia tem dito com independencia tudo quanto está na consciencia do povo.—Sua penna e seu crayon não se prostituirão até o presente na defeza de um acto qualquer contrario á lei ou á moral. O crime de que o podem accusar é —severa—parcialidade.

Assim, não será ocioso lembrar aos srs. assignantes do interior e da capital que até o presente não satisfizerão as suas assignaturas, a conveniencia de manda-las satisfazer quanto antes.

Um jornal desta ordem, não vive de ár; gasta grandes sommas.—Não sendo, absolutamente fallando, geuero de primeira necessidade o jornal, quem o assigna, não sendo á isso obrigado, é porque tem desejos de instruir-se deleitando-se, e porque está disposto á pagar a sua assignatura.—Ora, não acontecendo assim, o que suppor-se do individuo que manda seu nome á redacção, indicando sua residencia, e d'ahi a pouco é um inpertinente reclamador da pontualidade na entrega da folha, sem nunca resolver-se á pagar a assignatura?

Declaramos alto e bom som, que não estamos

mais dispostos á sermos logrados por alguns esperalhões, e por isso vamos tomar as convenientes medidas.

Começaremos por suspender a remessa do «Cabrião» para todos os pontos onde as assignaturas não forem pagas; facto que já practicamos com alguns assignantes de Aréas e outros pontos.

Não basta a raça maldicta dos filantes que não assignão folhas porque andão de porta em porta pedindo emprestadas, temos para contrapezo a turba multa dos caloteiros que é para o jornalismo o que o carunchu é para o milho, o que o bicho é para o café!

Voltaremos ao assumpto.

THEATRO DE S. JOSÈ.—Na quinta-feira houve o o expectaculo annunciado. Tudo correu bem. especialmente a historieta do Alcazar contada pelo Vasques, que fez a platéa rir a bandeiras despregadas.

Desta vez não foi á scena o «Noviço» e nem a «Porta Falsa»—E' bom não atira-las para um canto.—Estas comedias são como a «Graça de Deos» que apesar de carne de vaca, ainda o publico tolera com angelica resignação.

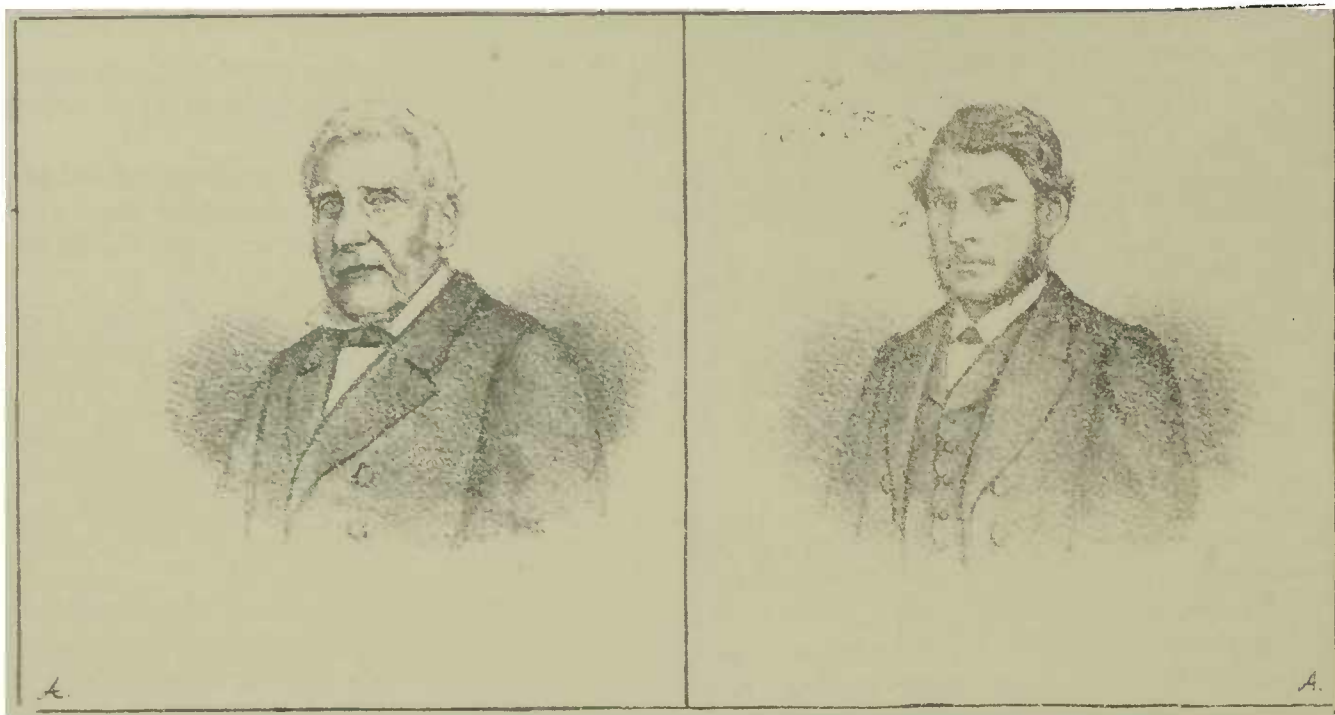
Quanto á musica, esteve pessima; é o menos que se póde dizer. Os actores fizeram milagres cantando com o acompanhamento que lhes fazia a orchestra.

E' desenganar, sem estudo nada se consegue; é preciso queimar as pestanas para produzir-se alguma cousa.—A musica não consiste em fazer barulho.

E' mister que a orchestra não continue a desapontar o publico.

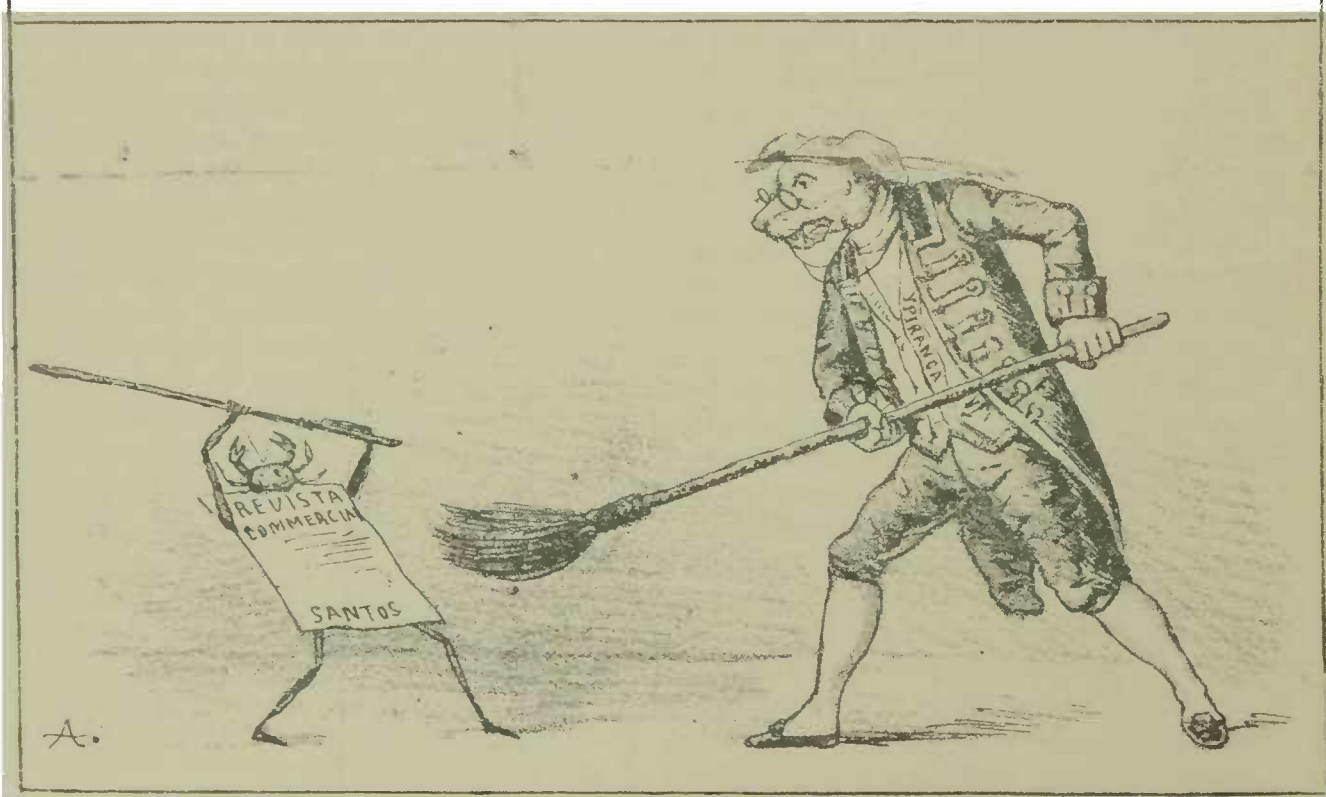
Tantas vezes vae o pote a fonte, que uma vez fica.

PRAÇA DO MERCADO.—O abuso já sentou-se na soleira da Praça do Mercado. Ao passo que os negociantes, pelo regulamento não podem comprar generos dentro da Praça, alguns particulares tem-se constituido agentes de certas casas de negocio, e comprão as porções de generos que apparecem desde que lhes convem o preço E' um verdadeiro monopolio. O fim da Praça foi centralizar o commercio, mas não centralizar o monopolio.

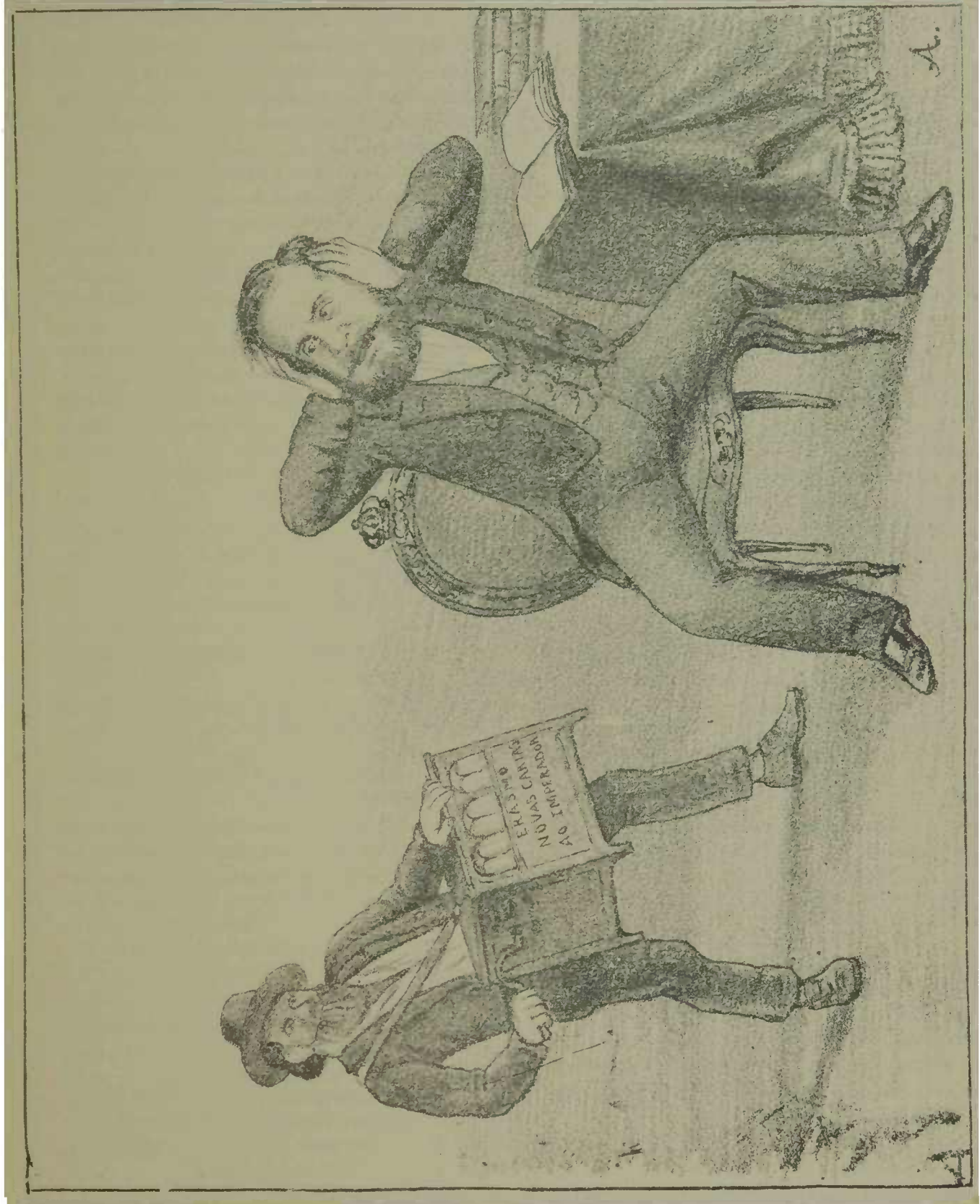


Bento Manoel de Barros.

Aurelio Civatti.



Scena grottesca e divertida.



-- Que terrível amolador !

Até aqui, os atravessadores abastecião-se dos generos fóra das pontes, agora teem elles inais uma oppor-tunidade para isso com a existencia de particulares que se prestão á representa-los na compra e venda dentro do Mercado.

E' preciso que os snrs. Fiscaes mostrem-se zelosos e severos, applicando as penas inpostas pelas Posturas aos infractores do Regulamento.

Tudo está no principio.

E' bom não dar azo a que o publico comece a mer-murar desde logo e com razão.

O YPYRANGA E A REVISTA.—Juntárão-se estes dous arautos da imprensa paulistana e agora o vereis.

A «Revista» com ares de quitandeira de saia curta, carapinha eriçada, mão na cintura e olhos flame-jantes, atroa céos e terra, anathemathizando o filho predilecto do Conselheiro Desembargador, o «Ipiranga» destes tempos de miserias e corrupção.

O «Ypiranga» por sua vez arreganha os dentes, as-sanha os olhos, escancara as fauces e põe-se em atitu-de de fazer frente ao seu adversario.

E' engraçadissimo!

A «Revista» enfiada, e prenhe de uma importan-cia que não tem, grita, esbraveja e quer levar tudo a ferro e fogo!

O «Ypyranga» nascido hontem e já morto na opi-nião publica, foge de toda e qualquer polemica, te-mendo que lhe falem as forças para dar a alma a Deos!

Para a «Revista» só mesmo o «Ipyranga»—A pri-meira representa o orgulho encascado, o segundo re-prezenta o servilismo mascarado.

Ambo florentes etatæ Arcades ambo!

Aviso.—A bem da salubridade publica e seguran-ça dos cobres, previnios á policia de que ha em al-gumas casas de negocio da capital excellente man-teiga podre, vinho azedo ou confeitado de primeira qualidade, vindo em direitura, e outros generos que seria longo indicar.

O CABRIÃO E OS SANTISTAS.—O «Cabrião» é muito grato aos briozos santistas que o tem acolhido com os braços abertos e pagão suas assignaturas pontualmen-te, o que não succede em muitos pontos deste Imperio de vinagres e gauderios.

Assim, o «Cabrião» sente que os santistas se quei-xem (com razão,) da falta do jornal aos Domingos, havendo estrada de ferro que tudo facilita.

O motivo de nem sempre haver pontualidade, é por que o jornal não é lytographado á tempo de poder fa-zer-se sempre a remessa com a regulaidade deze-javel.

O «Cabrião» explica-se deste modo, porque pensa que os santistas tem jus á uma explicação.

Desculpem-no pois, na certeza de que elle sabe considerar altamente a sympathia de que o rodeão os nossos caros visinhos do Itororó.

LITTERATURA MUZICAL.—Recebemos um exemplar do folheto publicado ha poucos dias com esse titulo.

Foi-nos enviado pelo seu autor «Ulrico Zingli», que sempre e sempre mereceo ao «Cabrião» estima e conceito.

O «Cabrião» agradece a mimoza offerta com um abraço.

«Cabrião e Zingli» são dous confrades no officio de dizer verdades, e entendem-se ás leguas na larga es-trada do «ridendo castigat mores»

Para o «Cabrião» Zingli é um companheiro de armas.

Isto é dizer que o «Cabrião» soube apreciar o que ha de bom e interessante no folheto em questão; e que recommenda-o ao publico amador, como digno de ser lido.

Bento M. de Barros e Au-relio Civatti.

Damos n'este numero os retratos de Bento Manoel de Barros e Aurelio Civatti, a quem se deve a cons-trucção de um dos mais bellos edificios d'esta pro-vincia.

Este edificio, que está a findar seus ultimos trabalhos complementares, é a igreja da Boa-Morte da cidade da Limeira epificada toda ella a espensas do fazendeiro d'aquella cidade—Bento Manoel de Barros, e sob a direcção do italiano Aurelio Civatti, habilissimo entalhador, que, alem dos serviços de sua arte, ainda prestou á construcção do edificio a alta direcção architectonica, em que sahio-se muito bem, embora nunca blazonases de engenheiro architecto.

Não te mos espaço para dar ao publico a descripção completa das bellezas do edificio, tal como nos foi dada por um artista entendido na materia. O que podemos asseverar é que, em relação ao bem acabado e belleza da architectura, não tem igual entre os edificios do mesmo genero na provincia, assim como o que respeita aos primorosos trabalhos de entalhe e mais decorações.

Aurelio Civatti fez da sua magnifica obra um protesto vivo contra as miserandas cousas que n'esse sentido ha por toda a provincia; a qual riquissima de meios, sempre vê inutilmente desperdiçados centenas de contos de rs. em obras que são entregues (por patronato e milhares de motivos rotineiros) á incompetentes e inhabeis administrações, e que por tal razão ficão sendo grotescos e monstruosos testemunhos do nem um gosto e nem um criterio com que são entre nós tratados taes assumptos.

O Fazendeiro Bento Manoel de Barros está relacionado á obra referida por um outro lado.

Esse, no louvavel empenho de vir com sua fortuna em beneficio de sua terra, concorreu com avultadas quantias para a feitura de uma igreja que fosse digna da florecente cidade em que rezide.

Consta-nos que n'esta e em outras obras, feitas em beneficio publico, tem elle gasto até o presente para mais de trezentos contos.

E' sem duvida um cidadão benemerito de seu paiz.

N'esta quadra em que o governo brasileiro baixou o cambio das commendas e condecorações ao nivel da fortuna de todos os vaidozos, Bento Manoel de Barros ainda tem a virtude de não ser condecorado. Cidadão limpo de mesquinhas ambições, ha sempre feito do trabalho, da honra e do civismo seus unicos brazões.

E são os legitimos: São os que a sociedade venera o respeita com sinceridade.

FIDALGUIAS

Aos habitos ás commendas,
Toda a gente hoje faz jus,
Todos querem ter fitinha,
Ser cavalleiro, grã-cruz.

A familia dos fidalgos
Tem crescido até mais não;
Já não ha na terra um homem
Que não tenha o seu brazão.

Quem é aquelle sujeito
Que ali vai ? pergunta a gente:
—E' fidalgo, meu senhor!
Dizem logo promptamente.

—Fidalgo ?—nós retrucamos,
A' remirar o sandeu;
Fidalgo, sim meu senhor,
P'ra sê-lo dous negros deu!

—E aquelle outro que passa
Tão lesto tão prazenteiro ?
—Aquelle ?—deu um só negro,
E' nm christão cavalleiro

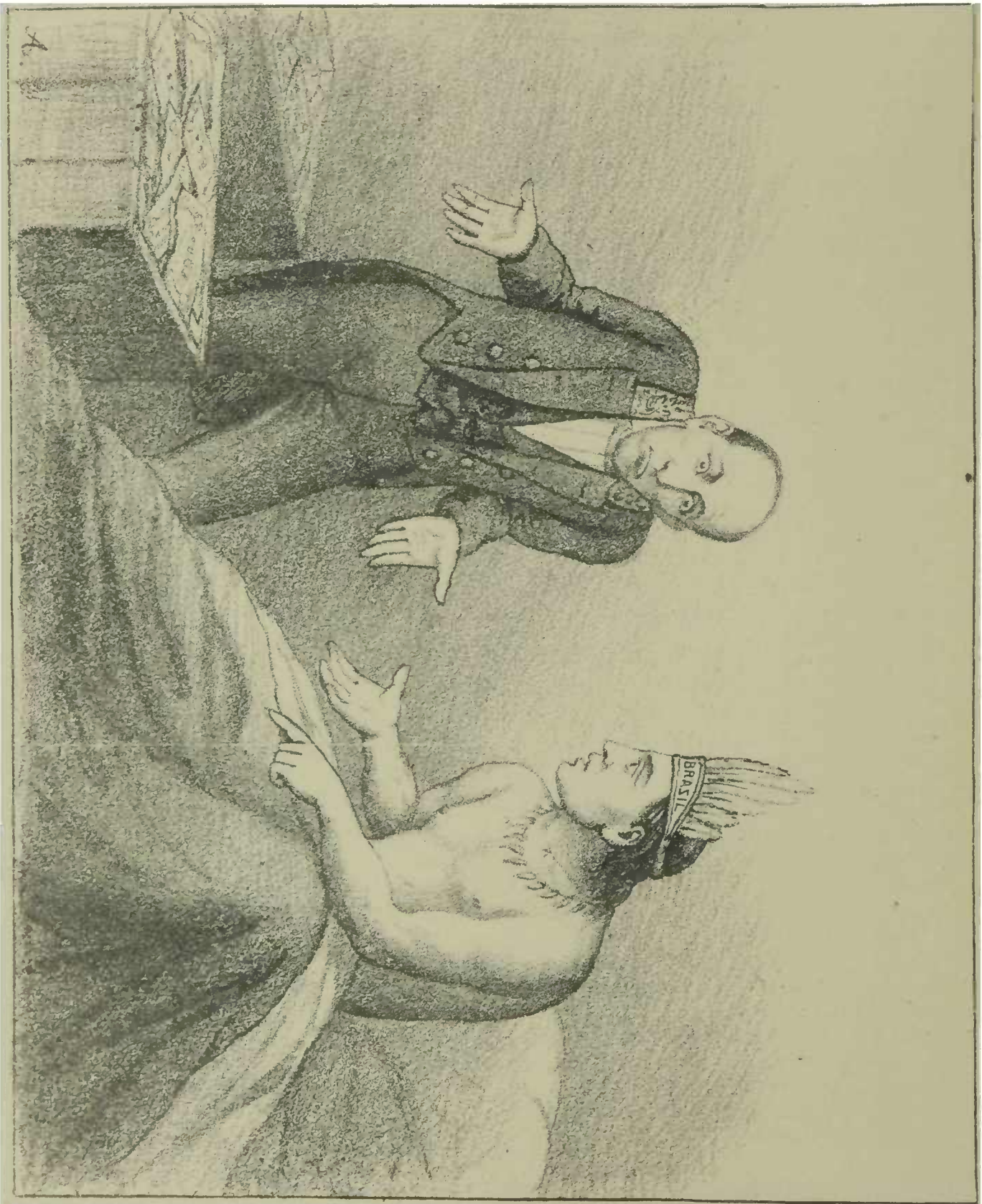
—E aquelle ainda que vejo
O largo, agora cruzar ?
—Aquelle não tinha negros
Mas andou gente á pegar!

Então não teve commenda,
Ficou plebeu como era ?
—Por hora ainda não teve
Mas lago vem:— elle espera.

Pelo que me diz meu amigo,
Só nós não temos fitinha!
Nós é sucia—o senhor
Eu posso mostrar-lhe a minha.

De forma que actualmente,
Nesta brazileia nação,
Só não tem cousa fidalga
O pobre do «Cabrião.»

Lythotypo de H. Schroeder.



Emissão de papel moeda.

—Mas isto é pura moeda falsa. snr. Zacharias; não ha outro para o resgate. Você está querendo me pregar uma das suas!
—Pois, meu amigo, ou isto ou a bancarrota . . .